

A RENOVAÇÃO DA FORÇA SIMBÓLICA E DO IMAGINÁRIO POÉTICO DA MODERNIDADE NA ARTE LITERÁRIA DA AMAZÔNIA

J.J. César de Araújo*
Jordeanes do Nascimento Araújo**

Resumo:

Este artigo se propõe, através da obra *A poética do recorte: estudo de literatura brasileira contemporânea*, de Maria Adélia Menegazzo (1999), a repensar o trajeto do homem, principalmente, as perturbações proporcionadas pelos saltos e descobertas da poética contemporânea sempre urgentes e agônicas ao mesmo tempo, fazendo do artista, em especial do escritor, um eterno investigador de uma natureza que jamais desfez o seu mistério. Essa insatisfação, segundo Heidegger, provém da relação do homem na relação fundamental com o mundo.

Palavras-chave: literatura contemporânea; imaginário artístico; modernidade, Amazônia

Abstract:

This article proposes, across the work *The poetic of the cutting out: study of Brazilian literature contemporary*, of Maria Adelia Menegazzo(1999) to resolve the course of man, mainly, of the perturbation proportioned by leaps and discovered of contemporary making of the artist, in special of the writer, an investigator eternal of a nature than never unmade your mystery.

Keywords: Contemporary literature; artistic imaginary; modernity; Amazon.

Introdução

Pensar o conceito de modernidade significa aceitar o grande desafio de olhar o homem a partir das suas inúmeras máscaras históricas através dos séculos. Da Antiguidade Clássica ao Pós-modernismo ficamos sempre reféns de um universo em desencanto, algo sempre por fazer, repetindo e refazendo modelos que, fundados num percurso de precariedade, só poderiam nos dar apenas o humano como objetivo maior. O

* José Júlio César do N. Araújo é graduado em Letras, pós-graduado em Gestão Educacional, graduando de Economia - UFAC. Professor da rede estadual de ensino do Acre e do Amazonas, Coordenador dos cursos de Pós-graduação FARO/Cruzeiro do Sul-AC e autor dos livros *O homem falando no escuro* e *Simbolismo e imaginário* (Valer, 2003, 2006/). Endereço para correspondência - Tv. da Amizade, 191 QD. 302- Floresta – Cruzeiro do Sul – AC. CEP: 69980-000. E-mail: amadeus13julio@gmail.com

** Jordeanes do Nascimento Araújo é graduando de Ciências Sociais, UFAM, pesquisador de cultura oral, co-autor do livro *Simbolismo e imaginário: um olhar sobre a cultura no Vale do Juruá* (Valer, 2006). E-mail: cassyjones_araujo@hotmail.com

homem, apesar de toda a sofisticação de seu pensamento no presente século, jamais conseguiu se desfazer de um impulso primordial de violência ao criar. A relação com o outro sempre foi intermediada por uma série de complicações idiossincráticas e coletivas, revelando muitas vezes um percurso que deveria ser perverso por excelência. Diante da trágica face revelada, desde os gregos, o Ocidente não obteve muitas possibilidades de saída para as grandes questões que permearam a sua complexa relação com o universo ficando, na maioria das vezes, ao sabor das intempéries desafiadoras de seu tempo. Este artigo se propõe, com a base discursiva da obra *A poética do recorte: estudo de literatura brasileira contemporânea*, de Maria Adélia Menegazzo (1999) a repensar o trajeto do homem, principalmente, as perturbações proporcionadas pelos saltos e descobertas da poética contemporânea, sempre urgentes e agônicas ao mesmo tempo, fazendo do artista, em especial da literatura, um eterno investigador de uma natureza que jamais desfez o seu mistério.

Canibalescos, Entediados e Eufóricos: o novo como agonia inevitável

A literatura é marcada por rupturas extremas. Procurar entendê-las é traduzir partes da colcha de retalhos que somos. Primeiro, em se tratando de literatura brasileira, sempre estivemos, de certa forma, atraídos pelas angústias de outros espaços. A literatura latino-americana viveu desde sua origem o desejo de construir uma identidade, alimentada pelas insatisfações e pelo conjunto de contradições que se construíram na colonização e se multiplicaram no tempo e no espaço. Nesta fase, transparece nossa vontade canibalesca de comer, digerir e depois arrotar aquilo que compreendíamos dos movimentos literários. Assim, os movimentos literários iniciados na Europa tiveram aqui outra roupagem, outros conjuntos de valores, outros motivos e, sobretudo, outra significação.

O século XIX trouxe consigo a maturidade definitiva na literatura latino-americana, marcado pelo gradual desenvolvimento das tendências românticas e realistas e a brilhante explosão final do modernismo. A instabilidade política que se seguiu à conquista da independência política favoreceu a rápida difusão, nos meios intelectuais, dos ideais de liberdade e de renovação, próprios do Romantismo, caracterizados no âmbito latino-americano por sua idealizada exaltação do índio e pelas diferenças temáticas nacionalistas. O romance apresentou grande diversidade, embora tenha se centrado na recriação histórica e na crítica de costumes.

O Romantismo no Brasil fez o caminho de ser o primeiro grito de uma literatura nossa, que usando moldes estrangeiros conseguiu falar da cor local, e por outro lado, com amadurecimento para uma consciência nacional e a de uma referência possível que indique uma alternativa, uma identidade frente à Europa. No Brasil, tal movimento abre novas perspectivas, nova visão do passado, da nossa formação, da nossa passagem e principalmente da nossa realidade. Esse sentimento se reveste, assim, no presente, que é tomado nos seus aspectos sociais e políticos defendidos ou combatidos sob o apanágio dos direitos do homem livre. Tudo isso porque o caráter combativo do Romantismo batia de frente com uma característica brasileira e latino - americana: o fato de termos escravos negros ou índios sendo molas mestras da economia e da vida social; que agora deveriam ser repensados como homens livres. Bernardo Guimarães, na prosa, e Castro Alves, na poesia, dão conta desse ideário anti-escravista aqui no Brasil.

Na América Latina, o movimento romântico contou com as influências européias múltiplas e simultâneas sobre a nossa sensibilidade e nossos ideais patrióticos de liberdade e de afirmação política. As sugestões de um Almeida Garret no Brasil e a inegável influência de Byron, Musset, Lamartine, Chateaubriand e Goethe no restante da América comprovam tal fato. Mas, o afastamento dessas matrizes será a tentativa de pintura da realidade local e a reafirmação dos ideais e das imagens do homem americano. Assim, ao mesmo tempo em que dependíamos da temática romântica européia, fomos, aos poucos, nos afirmando como literatura nacional e pintando com cores românticas as florestas e os homens nos trópicos.

Entediados e cansados, precisávamos de construções literárias mais profundas, que estivessem mais apegadas ao real. Uma escritura que sáisse, necessariamente, das nossas mãos nervosas, das quais escorregava o fluido racionalista, explicando com respostas humanas a realidade do ser e da existência. O Realismo/Naturalismo trazem de volta nossos fantasmas: as alucinações de um homem que ao final de uma grande procura encontra o tédio. E “a noite dissolve os homens”. O silêncio (grito de angústia que todos víamos, mas não queríamos ver) invade nosso ser. O medo é mais forte que a esperança, a burqa está posta sobre nossos corpos e sobre a cabeça de todos e a nossa visão é impedida por seu véu negro e misterioso.

Os movimentos de vanguarda e o Modernismo rompem os véus, retiram a burqa e preenchem com sons estrondosos os mosteiros e os palácios de literatura plástica. A vida renasce brilhante. Experimentar é nosso único desejo. Inicia-se a Euforia. Caravelas

literárias rasgam mares. Novos povos, nova gente, novo ouro. Mais lenha nos fornos que fazem girar as engrenagens do mundo. As caravelas são substituídas por motores, os teares por máquinas a vapor. Congregam forças e sobra produção. A arte não diz mais nada. Há um novo cheiro no ar.

Renovação e travessia

A poesia contemporânea analisada segundo a ótica da evolução temporal e sob o signo da modernidade, diante da evidência da transitoriedade, em Menegazzo (.1999...) apresenta traços sempre envidáveis mais marcados pelos “ismos” europeus e pelas teorias do pós-moderno. Menegazzo descreve a evolução poética através da evolução da representação. Segundo a autora, Walter Benjamin, ao analisar a formas de representação da fotografia e a invenção da Art - pop já deu notáveis indicações sobre o que se tornaria a representação do século 20, uma profunda instantaneidade da Arte. A poesia, assim como todas as formas de representação, parece viver um esgotamento discursivo, e tudo encaminha-se para a instantaneidade da palavra e a adoção da imagem, do signo, do ícone como forma mais autêntica e profunda de expressão de um homem que viver a reprodutibilidade técnica, e a urgência de sempre novos e inolvidáveis paradigmas, que devem sempre estar em processos constantes de mutação.

Porém, Menegazzo não deixa de assinalar que a Arte pós- moderna não recusou ou destruiu as formas de representação que a antecederam, mas as utilizou de modo subvertido, deu-lhes nova roupagem, novo rosto, nova cor. Ela afirma:

A construção poética da poética pós-modernista se dá conforme Lyotard, pela ausência de concretude e de sentido unificado. Assim, a indeterminação permeia todo tipo de discurso reforçando a ambigüidade e a fragmentação de suas formas. Se não é mais possível identificar com precisão o que apresentado pelo discurso artístico isso se deve ao fato de que os descentramentos provocado pela Arte contemporânea atingiram seu objetivo: não é uma arte para representar o escritor e o artista plástico, constroem seus discursos a partir de recortes do já representado, acentuando o relativismo e provisoriedade das imagens.(1999 p.68)

A arte contemporânea (e por que não dizer pós-moderna?), apresentada segundo os olhares de Menegazzo, apresenta-se recortada e multifacetada em vários recortes e também em diversas e surpreendentes formas de representar o “eu - artístico. É preciso estar atento a estas formas de representação para compreender o que elas em conjunto ou isoladamente buscam dizer.

Em nosso (restrito) entendimento, a descentralização do ponto de vista e sua conseqüente multiplicação e simultaneidade do mundo contemporâneo provocam no olhar artístico uma série de distorções em relação à imagem e ao mundo percebido em sua volta. É a percepção de um mundo veloz, fragmentado, mas que deve guardar aqui e ali lapsos da infância, do imaginário, do fantástico, do sonho, da utopia que elimina com freqüência as fronteiras entre o real e o ideal. Tudo no mundo passa a ser uma grande imagem de vários pedaços e cores que deve ser consumida, com ou sem auto-reflexividade, e a intertextualidade da intextualidade, a literatividade da multiplicação e interpenetração de tempo/espaço/discurso e visões: a urgência de produzir sempre como forma de tornar tudo obsoleto, superado. É neste espírito de lucidez e perda que alguns autores encontram os objetos como forma de explicação da vida e da arte.

Francis Ponge e Luiz Bacellar: o Humano enquanto Incômodo

O partido das coisas, de Francis Ponge (2000) é um retorno à superfície do mundo, uma volta às coisas, para além de toda interpretação profunda, de toda teoria, uma poesia que nos leva de volta aos objetos e a sua sensibilidade direta possibilitando a aproximação da palavra com o mundo material. Demonstra um homem cansado de falar para si e de si, numa crise de otimismo com o mundo capitalista, retornando as náuseas humanísticas e existenciais do homem que se considera finito, lançado no mundo e continuamente dilacerado por situações problemáticas e absurdas.

As obras de Luiz Bacellar, *Frauta de barro* e *Sol de feira*, denunciam que o humano que permeia os objetos aos poucos os coroe, fundindo-se com estes tomando-lhe parte invadindo seus espaços, há em seus poemas um desejo de afirmar que havia no seu outro mundo uma certa identificação entre as pessoas e as coisas. Enfim, Bacellar denuncia que a relação orgânica entre os homens e as coisas se desfez com a modernidade.

Essa insatisfação, segundo Heidegger, provém da relação do homem na relação fundamental com o mundo. Os entes do mundo se mostram como utilizáveis pelo homem como referidos ao homem, do qual recebem a inteligibilidade e significado.

Ponge e Bacellar, ao procurarem dar voz às coisas, levam o homem a um estado de coisificação, onde este reconhece ou atenta para as pequenas coisas que formam o mundo e a sua relação direta consigo mesmo. Não é o homem que se movimenta em meio aos objetos, mas sim os objetos que estão lá em seu estado estático, levando Ponge e Bacellar a desmesurar o princípio de subjetividade destas coisas. Uma leitura fenomenológica do mundo que o cerca procurando ouvir os objetos ao invés de querer falar por eles: “*como na esponja há na laranja uma aspiração a recobrar a compostura após ter sido submetida a prova da expressão*(in *Laranja. O partido das coisas*,2001. p.67).

Uma das condições da Literatura é a descrição subjetiva do humano. Mas, para Ponge, o mundo das coisas tem forte influência no mundo das idéias, das subjeções, da fantasia do homem: “a seguir sua pessoa uma pequena tocha muito menos luminosa que profunda (in *Cigarro, O partido das coisas*,2001. p.65). Ponge mostra o inesgotável estado de esgotamento da criação, um desencanto com o mundo em crise, com o homem na sua condição de existir, sendo levado a rejeitar o material humano, voltando-se para as coisas , na busca do possível elo com um outro homem que fora digerido pelos tempos modernos.

Na poesia de Ponge encontramos um homem que se choca com a monstruosidade do mundo, diante da tentativa de descrever, de nominar, de dar alma ao que parece supérfluo. O naufrágio angustiado do poeta perpassa o caminho de dá as coisas uma objetividade, uma percepção do que o objeto pode nos comunicar, levando Ponge a contradições, como podemos observar no trecho:

[...] nem pelo punhal cego das rochas, nem pela mais escavante tempestade a revirar maços de folhas ao mesmo tempo, nem pelo olho atento do homem aplicado penosamente e aliás sem controle num meio num meio interdito aos orifícios destampados dos outros sentidos e que um braço mergulhado para agarrar turva ainda mais esse livro no fundo foi lido(*O Partido das coisas*, p. 100)

Ponge se propõe a falar das coisas e acaba se rendendo a entender o homem. O ser é inobjetivável, não pode ser identificado como uma existência empírica. Para o poeta, contrariando Kierkegaard (2002), compreender o princípio das coisas é o caminho para a

verdade, não a objetivamente científica, anônima, porque válida para todos, mas sim para a verdade da existência, tentando alargar os caminhos de uma possível metamorfose para a consciência enquanto ser no mundo. É nesse contexto que se insere Bacellar, com dois significativos trabalhos que o colocam como contemporâneo de Ponge. Para entender melhor o que estamos falando: é como se a genialidade de Bacellar tivesse percebido, sem ler Ponge, a fragmentação da vida, da modernidade, da latinidade. *Frauta de barro*, de Bacellar, já traz em seus poemas a coisificação como negação do humano. Segundo Tenório Telles (1999, p.13):

Frauta de barro soa como um eco cortante a ferir a pele cinzenta do silêncio provinciano de nossa literatura; expande-se para além da contenção poética de seu autor, desarma as articulações discursivas e superficiais predominantes na produção literária amazonense. Seus textos revelam profunda consciência do fazer poético, com uma precisão estrutural nova e forte preocupação com os processos formais.

O que Tenório Telles não consegue perceber em sua crítica é que Bacellar, consciente ou inconscientemente, assume uma nova postura poética ao se negar a descrever as paixões ou conflitos humanos, procura dar às coisas vida, um princípio de utilidade, numa clara demonstração de sua insatisfação com o mundo que o circunda. Nesse ponto Ponge e Bacellar se aproximam, suas descrições estão longe de falar de verdades científicas:

[...] uma concha é uma coisa pequena, mas posso desmesurá-la, recolocando-a, onde a encontro, pousada na vastidão da areia. Porque, então, apanhando um punhado de areia, ficarei a observar o pouco que me resta na mão, depois que pelos intrínsecos de meus dedos quase toda ela estiver escorrido (PONGE, Francis. *O partido das coisas*. Edição bilíngüe. Tradução de Ignácio Antonio Reis e Michel Peterson. São Paulo: Iluminuras, 2000. p.125).

Mas é um convite a uma nova concepção, uma nova ordem para as coisas que levem o homem a encontrar um novo sentido de reutilização para esses objetos. O mesmo que faz Bacellar em “Soneto do lápis”, no livro *Frauta de barro*

Ó meu cilindro de pinho,
pelo teu severo rastro
eu te armei por negro mastro
das velas do meu caminho,

pelo teu riscar cruel
meu âmago de grafite
que a máquina multilite
reproduz sobre o papel. [...](1998,p.33)

Todas as poesias de Bacellar na obra supracitada dão conta de retratar essa intimidade com os objetos em busca de um reconhecimento, um convívio, uma aproximação com este mundo onde circulam as coisas. Ponge procura a verdade dos objetos, mas sabe que não é possível, pois, mesmo descobrindo uma nova função que a aproxime do homem, o ser não pode ser nomeado, e nem podemos lhe dar funções, tendo em vista que nem o nome nem as funções serão verdadeiros:

[...] os monumentos do homem se assemelham aos pedaços de seu esqueleto ou de qualquer esqueleto, a grandes ossos descarnados: não evocam nenhum habitante do seu tamanho. As mais imensas catedrais deixam sair tão-somente uma falange informe de formigas. [...] Não sei bem por quê, desejaria que o homem no lugar desses enormes monumentos que não testemunham senão a desproporção grotesca de sua imaginação e de seu corpo [...] que o homem dispensasse seu cuidados em criar para as gerações uma morada não muito maior que seu corpo, em que estivesse contidas toda sua imaginação, suas razões, que ele empregasse seu gênio ao ajustamento, não à desproporção. (PONGE, Francis. *O partido das coisas*. Edição bilíngüe. Tradução de Ignácio Antonio Reis e Michel Peterson. São Paulo: Iluminuras, 2000.p.126).

Nessas idéias usadas também por Ponge na construção da poesia “Caracóis,” percebemos, mesmo tentando dar às coisas um princípio objetivo, este não é freado porque a natureza não existe senão pelo homem. Assim, natureza e homem calam-se diante da inobjetividade que os compõem intrinsecamente. Vejamos como Bacellar entende esse ideário de inobjetividade do ser em relação com as coisas:

O armário do pintor é um céu barroco
asilo para inválidos divinos
onde cegos capengas e manetas,
ó vasto panteón teratológico!
santos e santas, anjos e madonas

acotovelam cristos hansenianos;
bárbaras, sebastiões, jorges, luzias
aposentados de orações e ex-votos
cobertos de antiqüíssima poeira, [...] (BACELLAR, Luiz. *Quarteto*
(obra reunida). Manaus: Valer/Universidade de Mogi das Cruzes,
1998.p.79)

Em Bacellar o humano é mais presente, embora tentando descrever as coisas, o poeta encontre certa correspondência entre os seres humanos e objetos. Há uma intimidade que os entrelaçam. Para Antônio Paulo Graça,(apud BACELLAR, Luiz. *Quarteto* (obra reunida). Manaus: Valer/Universidade de Mogi das Cruzes, 1998)em seu texto “Antiapresentação para Fruta de Barro”, há consciência poética em preferir as coisas em detrimento do humano. Para o crítico:

Quando ele elege como sua matéria minúsculos objetos adormecidos na insignificância do cotidiano, casos provincianos e casas arruinadas pela cruel ação do tempo, apenas exhibe a capacidade de exhibir a grandeza poética neste universo recusado por aqueles poetas que pretendem atingir a grandeza apenas com os grandes temas. Bacellar denuncia esta cilada.

Luiz Bacellar não é escravo da matéria poética. Seus livros denunciam que a matéria humana apenas coroe as coisas como uma dor invisível, como uma participação assustadora, como uma angústia antiga preenchendo todos os espaços do efêmero que parte de sua matéria poética.

Ponge trabalha se aproximando dos objetos de maneira diferente. Nele o humano está profundamente separado dos objetos. Ponge, consciente de que a existência é indeduzível e a realidade não se identifica e nem se reduz à racionalidade, esforça-se para descrever as coisas, para aproximar-se delas, sem ceder ao lirismo: “*O mar até as proximidades de seus limites é uma coisa simples que se repete onda a onda*”. (PONGE, Francis. *O partido das coisas*. Edição bilíngüe. Tradução de Ignácio Antonio Reis e Michel Peterson. São Paulo: Iluminuras, 2000.p.97). Procurando uma linguagem que fosse capaz de aderir aos objetos, Ponge desvirtualiza o papel do humano na arte, sua volta às coisas é uma forma de procurar as raízes e as nervuras que aproximam o homem da natureza.

Em Bacellar e em Ponge, as imagens formam-se a partir de constantes inovações. *Fruta de barro* ainda possui um apelativo imagético que aos poucos preenche tudo que o

poeta descreve. Nesta obra, a imagem da Ruína invade tudo que é descrito. Porém, essa imagem de ruína invade aquilo que é mais precioso ao poeta: sua casa. Seu mundo é a Manaus antiga, provinciana: essa é sua casa. É a partir desse universo, tão próximo ao poeta, que ele denuncia as corrosões do tempo no seu espaço. Para Gaston Bachelard :

A casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos na verdadeira acepção do termo. [...] Reconfortamos-nos a reviver lembranças de proteção. (BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 p. 24):

Tudo nas obras de Ponge e Barcellar remete à imagem de casa, abrigo, mesmo perfilando para o mundo das coisas é nestas que eles (os eu-poéticos) se refugiam sob o signo do sigilo. Ponge é impreciso no seu método de “tomar o partido das coisas”, é uma interessante demonstração de que, em matéria de poesia, ou o objeto existe para o sujeito ou ele (objeto) se perde na sua impenetrabilidade alheia e neutra. E o sujeito-poeta (chame-se Francis Ponge) o mais que pode fazer é “enovelar-se” mesmo nas coisas, conforme saiba usar, melhor ou pior, as palavras exatas que sua subjetividade pede e dita.

Francis Ponge ocupa lugar de relevo na poesia do século 20, na França. Surgiu repondo no centro da linguagem seres do mundo animal, do mundo vegetal e mineral. Mobilizou tematicamente cavalo, rã, camarão etc. (reino animal), grama, plátano, árvore etc. (reino vegetal) e cristal (reino mineral). Para Mário Chamie (2000), Ponge instalou, assim, um enclave entre a busca de absolutos de linhagem malleneana.

Para tanto, Ponge não desdenhou de alinhar princípios de apoio crítico, cujo teor de certeza sempre se fez acompanhar de vacilações de feitio não muito ortodoxo. Assim, se um de seus princípios lembra que “o poeta nunca deve propor um pensamento e sim um objeto”, um outro contrabalança esse tom afirmativo, advertindo que “o partido das coisas” precisa, em complemento, “levar em conta as palavras” que a elas se referem.

Barcellar agarra-se em sua obra *Sol de feira* mais a João Cabral de Melo Neto (esplêndido ao trabalhar coisas e objetos e seres jamais trabalhados em nossa literatura) que mesmo a Ponge. A visão de Barcellar sobre o mundo é uma visão recuperativa. Apelo pela recuperação engolido pela crise do capitalismo da borracha.

Talvez o maior jogo de Barcellar seja ariscar-se a representar um mundo das percepções das coisas que tem a sua volta, não se impondo sobre elas, nem buscando um lirismo vago, mas olhando-as com um grandioso aroma do passado, tão forte como o cheiro de uma oiti ou de um de seus frutos em *Sol de feira*, aos empoeirados casarões e rua de Fruta de barro. Esse aspecto aproxima-o de Ponge, de João Cabral de Melo Neto e de Malléme, pois a representação do mundo ou a dos processos de produção de texto pela palavra está sempre em suspenso: no limiar de mudanças – regras novas que outros tempos impõem – ou em risco de falência – o de sucumbir à impossibilidade do dizer. Salienta Edson Rosa da Silva (2003)¹:

Em se tratando de poesia, e mais ainda de poesia moderna (o adjetivo já aponta para a pluralidade do sentido das palavras), o impasse é ainda maior: fugindo ao descritivo e expressando-se por fragmentos, buscando a contenção e concentrando a tensão do sentido e da forma, o poema, ao significar o mundo e seus objetos ou a própria criação e seus mecanismos de expressão, constitui um foco de resistência ao uso comum da língua que faz explodir a clareza e todo sentido lógico.

Barcellar é mais que um simples feitor de versos, é talvez o melhor poeta amazonense, uma vez que venceu o ciclo de regionalidades, sendo ao mesmo tempo universal e não perdendo os traços que caracterizam seu espaço poético, seu mundo, seu ideário de representação. Assim, Ponge e Barcellar são faces da mesma moeda: a poesia do século 20 que propositalmente tenta fugir a nossa compreensão.

Referências

- BACELLAR, Luiz. *Quarteto* (obra reunida). Manaus: Valer/Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BACHELARD, Gaston. *A Psicologia do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CHAMIE, Mário. A obra traz à tona conflitos de convicção. *O Estado de São Paulo*, Domingo, 7 de maio de 2000.
- LOUREIRO, José de Jesus Paes. *Cultura Amazônica*. Uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

Menegazzo, de Maria Adélia (1999) *A poética do recorte: estudo de literatura brasileira contemporânea*, Recife: Edições Bagaço, 1999

PONGE, Francis. *O partido das coisas*. Edição bilíngüe. Tradução de Ignácio Antonio Reis e Michel Peterson. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PONGE, Francis. *La table*. Edição bilíngüe. Tradução de Ignácio Antonio Reis e Michel Peterson. São Paulo: Iluminuras, 2002.

¹ Este comentário pertence à resenha “A encenação da poesia e da tradução”, *Alea*, v. 5, nº. 2., Rio de Janeiro, Jul./Dez., 2003. Disponível em www.lettras.ufrj.br Acesso em 03/01/06. Esta resenha tece comentários sobre a poesia de F. Ponge.